



# A Santa Sé

---

SANTA MISSA E PROCISSÃO EUCARÍSTICA  
À BASÍLICA DE SANTA MARIA MAIOR  
NA SOLENIDADE DO SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

## *HOMILIA DO PAPA BENTO XVI*

*Átrio da Basílica de São João de Latrão  
Quinta-feira, 11 de Junho de 2009*

***"Este é o meu corpo, este é o meu sangue"***

*Queridos irmãos e irmãs!*

Estas palavras que Jesus pronunciou na Última Ceia, são repetidas todas as vezes que se renova o Sacrifício eucarístico. Ouvimo-las há pouco no Evangelho de Marcos e ressoam com singular poder evocativo hoje, solenidade do *Corpus Christi*. Elas conduzem-nos idealmente ao Cenáculo, fazem-nos reviver o clima espiritual daquela noite quando, celebrando a Páscoa com os seus, o Senhor antecipou no mistério o sacrifício que se teria consumado no dia seguinte na cruz. A instituição da Eucaristia parece-nos assim como que a antecipação e a aceitação por parte de Jesus da sua morte. Escreve a propósito Santo Efrém, o Sírio: durante a ceia Jesus imolou-se a si mesmo; na cruz Ele foi imolado pelos outros (cf. *Hino sobre a crucifixão*, 3, 1).

*"Este é o meu sangue"*. É aqui evidente a referência à linguagem sacrificial de Israel. Jesus apresenta-se a si mesmo como o sacrifício verdadeiro e definitivo, no qual se realiza a expiação dos pecados que, nos ritos do Antigo Testamento, nunca tinha sido totalmente cumprido. A esta expressão seguem-se outras duas muito significativas. Antes de tudo, Jesus Cristo diz que o seu sangue *"é derramado por muitos"* com uma referência compreensível aos cânticos do Servo de Deus, que se encontram no livro de Isaías (cf. cap. 53). Com o acréscimo – *"sangue da aliança"* – Jesus faz ainda sobressair que, graças à sua morte, se realiza a profecia da nova aliança fundada na fidelidade e no amor infinito do Filho que se fez homem, por isso uma aliança mais forte que todos os pecados da humanidade. A antiga aliança tinha sido sancionada no Sinai com um rito sacrificial de animais, como ouvimos na primeira leitura, e o povo eleito, libertado da escravidão

do Egípto, tinha prometido cumprir todos os mandamentos dados pelo Senhor (cf. *Êx* 24,3).

Na verdade, Israel imediatamente, com a construção do bezerro de ouro, mostrou-se incapaz de se manter fiel a esta promessa e assim, ao pacto estabelecido, que aliás em seguida transgrediu com muita frequência, adaptando ao seu coração de pedra a Lei que Ihe deveria ter ensinado o caminho da vida. Mas o Senhor não faltou à sua promessa e, através dos profetas, preocupou-se por recordar a dimensão interior da aliança, e anunciou que teria escrito uma nova nos corações dos seus fiéis (cf. *Jr* 31, 33), transformando-os com o dom do Espírito (cf. *Ez* 36, 25-27). E foi durante a Última Ceia que estabeleceu com os discípulos e com a humanidade esta nova aliança, confirmando-a não com sacrifícios de animais como acontecia no passado, mas com o seu sangue, que se tornou "*sangue da nova aliança*". Portanto, fundou-a na própria obediência que, como eu disse, é mais forte que todos os nossos pecados.

Isto é bem evidenciado na segunda leitura, tirada da *Carta aos Hebreus*, na qual o autor sagrado declara que Jesus é "mediador de uma aliança nova" (9, 15). Tornou-se mediador graças ao seu sangue ou, mais exactamente, graças ao dom de si mesmo, que dá pleno valor ao derramamento do seu sangue. Na cruz, Jesus é ao mesmo tempo vítima e sacerdote: vítima digna de Deus porque é sem mancha, e sumo sacerdote que se oferece a si mesmo, sob o impulso do Espírito Santo, e intercede pela humanidade inteira. A Cruz é por conseguinte mistério de amor e de salvação, que nos purifica – como diz a *Carta aos Hebreus* – das "obras mortas", isto é, dos pecados, e nos santifica esculpindo a aliança nova no nosso coração; a Eucaristia, renovando o sacrifício da Cruz, torna-nos capazes de viver fielmente a comunhão com Deus.

Queridos irmãos e irmãs que saúdo todos com afecto começando pelo Cardeal Vigário e pelos outros Cardeais e Bispos presentes como o povo eleito reunido na assembleia do Sinai, também nós esta tarde queremos reafirmar a nossa fidelidade ao Senhor. Há alguns dias, na [abertura do congresso diocesano anual](#), ressalté a importância de permanecer, como Igreja, à escuta da Palavra de Deus na oração e perscrutar as Escrituras, sobretudo com a prática da *lectio divina*, da leitura meditada e adorante da Bíblia. Sei que muitas iniciativas foram promovidas a este propósito nas paróquias, nos seminários, nas comunidades religiosas, no âmbito das confrarias, das associações e dos movimentos apostólicos, que enriquecem a nossa comunidade diocesana. Aos membros destes numerosos organismos eclesiais dirijo a minha saudação fraterna. A vossa numerosa presença nesta celebração, queridos amigos, ressalta que a nossa comunidade, caracterizada por uma pluralidade de culturas e de experiências diversas, é plasmada por Deus como "seu" povo, como o único Corpo de Cristo, graças à nossa sincera participação na dúplice mesa da Palavra e da Eucaristia. Alimentados de Cristo, nós, seus discípulos, recebemos a missão de ser "a alma" desta nossa cidade (cf. *Carta a Diogneto*, 6, ed Funk, i, p. 400; veja também *Ig*, 38) fermento de renovação, pão "partido" para todos, sobretudo para quantos se encontram em situações de mal-estar, de pobreza e de sofrimento físico e espiritual. Tornemo-nos testemunhas do seu amor.

Dirijo-me particularmente a vós, queridos sacerdotes, que Cristo escolheu para que juntamente com Ele possais viver a vossa vida como sacrifício de louvor para a salvação do mundo. Só da união com Jesus podeis tirar aquela fecundidade espiritual que é geradora de esperança no vosso ministério pastoral. São Leão Magno recorda que "a nossa participação no corpo e no sangue de Cristo não tende para se tornar senão o que recebemos" (*Sermo 12, De Passione 3, 7, p/54*). Se isto é verdadeiro para cada cristão, com mais razão o é para nós sacerdotes. Tornar-se Eucaristia! Seja precisamente este o nosso constante desejo e compromisso, para que a oferta do corpo e do sangue do Senhor que fazemos no altar, seja acompanhada pelo sacrifício da nossa existência. Todos os dias, haurimos do Corpo e Sangue do Senhor aquele amor livre e puro que nos torna ministros dignos de Cristo e testemunhas da sua alegria. É quanto os fiéis esperam do sacerdote: isto é, o exemplo de uma autêntica devoção à Eucaristia; gostam de o ver transcorrer longas pausas de silêncio e de adoração diante de Jesus como fazia o santo Cura d'Ars, que recordaremos de modo particular durante o já eminente Ano Sacerdotal.

São João Maria Vianney gostava de dizer aos seus paroquianos: "Vinde à comunhão... É verdade que não sois dignos dela, mas dela tendes necessidade" (Bernard Nodet, *Le curé d'Ars. Sa pensée Son coeur*, ed. Xavier Mappus, Paris 1995, p. 119). Conscientes de sermos inadequados por causa dos pecados, mas com a necessidade de nos alimentarmos do amor que o Senhor nos oferece no sacramento eucarístico, renovemos esta tarde a nossa fé na real presença de Cristo na Eucaristia. Não se deve dar por certa esta fé! Hoje corre-se o risco de uma secularização rastejante também no interior da Igreja, que se pode traduzir num culto eucarístico formal e vazio, em celebrações sem aquela participação do coração que se expressa em veneração e respeito pela liturgia. É sempre forte a tentação de reduzir a oração a momentos superficiais e apressados, deixando-se subjugar pelas actividades e preocupações terrenas. Quando daqui a pouco repetirmos o Pai-Nosso, a oração por excelência, diremos: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje", pensando naturalmente no pão de todos os dias. Mas este pedido contém algo mais profundo. A palavra grega *epioúsios*, que traduzimos com "quotidiano", poderia aludir também ao pão "sobre-substancial", ao pão "do mundo futuro". Alguns Padres da Igreja viram aqui uma referência à Eucaristia, o pão da vida eterna do mundo novo, que nos é dado já hoje na Santa Missa, para que desde agora o mundo futuro tenha início em nós. Portanto, com a Eucaristia o céu vem à terra, o amanhã de Deus desce ao presente e o tempo é como que abraçado pela eternidade divina.

Amados irmãos e irmãs, como todos os anos, no final da Santa Missa, terá lugar a tradicional procissão eucarística e elevaremos, com as orações e os cânticos, uma coral imploração ao Senhor presente na hóstia consagrada. Dir-lhe-emos em nome de toda a Cidade: permanece connosco, Jesus, doa-te a nós e dá-nos o pão que nos alimenta para a vida eterna! Liberta este mundo do veneno do mal, da violência e do ódio que polui as consciências, purifica-o com o poder do teu amor misericordioso. E tu, Maria, que foste mulher "eucarística" durante toda a tua vida, ajuda-nos a caminhar unidos rumo à meta celeste, alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo, pão de vida eterna e fármaco da imortalidade divina. Amém!

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana